

A GUERRA NA UCRÂNIA E AS RESPOSTAS DA UNIÃO EUROPEIA

Conferência Eurodefense e Instituto de Estudos Políticos da U. Católica

9 de Outubro de 2024

Keynote Speech – Filipe Arnaut Moreira

Olá, muito boa tarde a todos !

Gostaria de começar por agradecer o simpático convite que me foi endereçado pela Eurodefense Portugal e pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica através do Sr General Luís Valença Pinto e da Sra Professora Mónica Dias. Muito obrigado. É para mim uma grande honra estar por aqui hoje partilhando a minha visão sobre a Guerra na Ucrânia e as Respostas da EU na área da Segurança e da Defesa.

A Ideia de Europa

Nunca escondi o meu fascínio pela Mitologia Grega e pela abundância de deusas e deuses especializados na organização e gestão dos mais diversos assuntos que dizem respeito à vida das comunidades humanas.

Talvez este fascínio explique porque sempre que me falam de Europa eu me recorde que Europa era uma princesa fenícia, filha do Rei Agenor, que foi raptada por Zeus, disfarçado de touro branco, que se apaixonou por ela a partir do Olimpo e que a levou, através do Mediterrâneo até Creta.

O berço da Europa é o Mediterrâneo. As cidades-estado da Grécia tinham todas interesses diferentes, mas todas se sentiam helénicas. Havia uma identidade comum por cima das identidades particulares. E a Grécia da Defesa apareceu frequentemente unida para fazer face às ameaças externas. Ali nasceu o conceito de democracia e este hábito tão europeu de discutir e questionar.

E o império romano trouxe a ideia de cidadania, de um Estado de Direito sujeito a leis escritas, de uma língua comum e, mais tarde, até de uma religião comum. Continuamos a ter muito a aprender com os exemplos da nossa Antiguidade Clássica.

Já éramos Europa ainda antes de definirmos Europa. A primeira vez que o fizemos foi nos tempos do Iluminismo quando perdemos o medo de definir coisas. O Dicionário de Trévoux, em 1732, é o primeiro a consagrar uma definição de Europa:

“Europa é a mais pequena das quatro partes do Mundo, mas possui sobre as outras muitas vantagens. A principal é a verdadeira religião, que ela soube conservar e que difunde, sobretudo nos últimos dois séculos, pelas outras partes do universo. A capital da Europa é Roma.”

Hoje não seria possível tanta assertividade, até porque a religião também ficou mais diversa e por ela nos matámos em guerras intermináveis. Mas é importante notar que o Dicionário de Trévoux nos procura apresentar a Europa não como uma geografia mas como uma civilização.

Aliás a definição da Europa como um conceito geográfico não deixa ninguém satisfeito. Ela será certamente muito séria do ponto de vista técnico dos geógrafos, mas pouco natural para a maioria de nós, que olhando para a Europa como uma extensão da enorme massa continental asiática, ali não visualiza uma fronteira definida.

Nenhum de nós seria provavelmente capaz de desenhar a fronteira da Europa a Leste, porque os critérios geográficos não respeitaram os critérios geopolíticos nem da geografia política. A fronteira geográfica da Europa na sua delimitação a Leste, intersecta vários Estados. É aliás muito curioso que os estados pluricontinentais criados por essa linha fictícia tenham, ao longo da sua história vacilado politicamente entre o amor e o ódio à Europa. A Federação Russa e a Turquia são dois exemplos paradigmáticos de uma relação amorosa muito pendular com a Europa.

De todas as aproximações ao conceito de Europa a mais poderosa é a da paisagem cultural, essa simbiose entre a paisagem natural e a cultura dos povos que a habitam. Não temos uma definição rigorosa e dela não precisamos. Podemos estar em Odessa, em Paris ou em Lisboa e reconhecermos todos os traços dessa paisagem cultural com que nos identificamos. Podemos até estar em outras geografias na América do Sul ou na Austrália e sentirmo-nos em casa. A Europa é onde nos sentimos em casa.

A Europa e o Poder

A Europa entrou no século XX com impérios ultramarinos em todos os cantos do planeta azul e saiu desse século XX sem poder. Haverá certamente múltiplas razões, mas eu destaco duas. Uma das razões para essa perda de poder e de influência reside nas duas guerras que se auto-infligiu e das quais foi salva pela intervenção decisiva dos Estados Unidos da América, sob a forma militar primeiro e depois no apoio à reconstrução de uma sociedade liberal.

A segunda razão tem a ver com o aprofundamento do movimento da globalização que, aliás, ela própria inventou e promoveu. A globalização foi feita sem o controlo da Política, sendo liderada por forças económicas e financeiras, muitas vezes anónimas, à escala global.

Sem controlo da Política, a Globalização levou o conhecimento, os capitais e os engenheiros para onde o trabalho era barato, onde a energia era barata e onde os recursos eram baratos. Este processo desregulado da globalização económica acabou por nos sair, a nós Ocidente, muito caro e penalizador

Não apenas transferimos poder económico e financeiro para fora do Ocidente como, na Europa, deixámos cair o pilar fundamental do poder militar. Achámos desnecessário gastar recursos na Defesa e promovemos activa e irresponsavelmente a quebra dos vínculos entre a cidadania e a defesa militar.

Sem visão nem liderança, optámos pelos caminhos fáceis das flores coloridas e das pombas da Paz e estivemos entretidos a preparar um futuro em que não eram necessárias granadas, carros de combate ou soldados.

Encontro cinco explicações para esta deriva facilitista:

1ª Explicação A Guerra Fria teve múltiplas confrontações nas várias geografias mas o palco europeu sempre representou o epicentro de uma provável confrontação directa entre os dois blocos geoestratégicos. É portanto compreensível que a população europeia se tenha sentido liberta de preocupações e de responsabilidades militares quando o Muro caiu em 1989.

2ª Explicação: A América sempre cobriu as necessidades e as debilidades da defesa europeia. Não apenas foi decisiva na vitória das democracias na I e na II Guerra Mundial, como liderou e empregou força para resolver as múltiplas erupções de violência nos Balcãs que a Europa foi incapaz de evitar; A presença permanente de forças navais norte-americanas no Mediterrâneo parecia resolver o problema da nossa segurança a Sul, e o estacionamento de forças terrestres e aéreas americanas em solo europeu correspondia a um compromisso sólido da América na defesa terrestre da Europa.

3ª Explicação :

A Europa deixou-se cair na armadilha de uma profunda dependência energética da Federação Russa e isso condicionou a sua capacidade de ser mais assertiva em relação aos sinais iniciais do imperialismo russo.

4ª explicação :

A incompreensão confortável de que se houver um problema de segurança na Europa a formidável NATO aí estará para nos proteger. Ora a NATO somos nós todos e as nossas contribuições militares. A NATO não é credível se a defesa militar de cada um dos estados-membro não for credível. Na sua tomada de posse como Secretário-Geral da NATO a 1 de Outubro, Mark Rutte não podia ter sido mais claro: a NATO

tem de “assegurar que há capacidades”. “Só assim podemos proteger-nos contra qualquer ameaça”

5ª Explicação

Depois de décadas de políticas de acolhimento e de integração vamos descobrindo que afinal há limites para o acolhimento e para a integração. A ideia de uma Europa sem fronteiras internas, um enorme espaço de livre circulação de pessoas, está em estertor, de que é paradigmática a decisão alemã de tornar a controlar temporariamente as suas fronteiras , para combater a migração ilegal e proteger a segurança interna do país. Podemos estar a assistir a uma nova dinâmica em que os assuntos da segurança interna vão interferir na disponibilidade e nos recursos para garantir a segurança externa.

São portanto múltiplas as razões pelas quais a Europa deixou delapidar o seu pilar militar. Como veremos de seguida os números dessa desconstrução são assustadores. A Royal Navy tinha, por exemplo, nove porta-aviões no início dos anos sessenta. Hoje tem apenas dois.

Num quadro geopolítico global muito complexo em que os desafiadores da ordem mundial testam, provocam e esticam ao extremo as suas pretensões de contestar a ordem liberal mundial , seria natural que o Ocidente tradicional, a Europa e a América do Norte, reconstruíssem as capacidades necessárias à manutenção da ordem que instituíram. Tal não aconteceu. Parece-me muito significativo olhar para a evolução do aumento dos gastos com a Defesa entre os diferentes actores e blocos. Entre 1999 e 2021 o aumento dos gastos com a defesa foi o seguinte¹:

A Europa aumentou 20 % na sua despesa com Defesa;

Os EUA aumentaram 60 %

A Federação Russa aumentou 300 %

A China aumentou 600 %

A irrelevância relativa do nosso investimento em Defesa foi certamente observada e avaliada pelos nossos inimigos e terá também contribuído para a decisão do Kremlin de invadir a Ucrânia.

A Invasão da Ucrânia em 24 de Fevereiro de 2022

O manifesto optimismo expresso pela Comunicação Social da Rússia de que a Operação Militar Especial estaria concluída em poucos dias espelhava dois erros de apreciação por parte do Kremlin.

O primeiro erro resultava de uma infundada esperança de que o poder político em Kiev iria cair muito rapidamente em função do poder militar que a Rússia exercia em múltiplos eixos convergindo sobre a capital da Ucrânia. Kiev estaria perdida e seria ocupada pelas forças russas e a liderança ucraniana seria forçada a encontrar refúgio no Ocidente, ou em zonas mais seguras junto da fronteira com a Polónia.

A demonstração de que a percepção de uma vitória rápida por parte de Moscovo era demasiado optimista é mérito da abnegação política e da inteligência táctica da Ucrânia. O não abandono de Kiev por parte de Volodymyr Zelensky perante a ameaça militar foi um exemplo para os cidadãos ucranianos e uma garantia, para um Ocidente hesitante na sua resposta, de que a Ucrânia se iria defender. Por outro lado, o recuo das forças militares ucranianas para dentro das cidades e subúrbios equilibrou o potencial de combate evitando batalhas convencionais em campo aberto onde estaria em desvantagem de efectivos e capacidades.

O segundo erro de avaliação tem a ver com a reacção ocidental a esta invasão. Por um lado o Kremlin entendeu que o colapso ucraniano ocorreria antes de uma reacção colectiva e organizada do Ocidente. Uma espécie de política de factos consumados. Talvez uns protestos aqui, umas indignações ali, umas sanções simbólicas, mas nada de substancialmente preocupante. O que Moscovo esperava era uma

reação ocidental semelhante à que ocorrera com a Anexação da Crimeia e a sublevação em partes do Donbass em 2014. Uma reação ténue, indolor e insuficiente para colocar em causa a crescente dependência da Europa em relação ao abastecimento energético proveniente da Federação Russa. Uma das causas da invasão russa da Ucrânia em 2022 resulta, portanto, de percepções que são da responsabilidade do Ocidente e que importa aqui analisar.

A Resposta Europeia à invasão russa da Ucrânia:

A invasão russa gerou uma fantástica onda de solidariedade para com os ucranianos junto dos povos europeus. Logo nos primeiros dias da invasão pessoas anónimas de todos os cantos da Europa pegaram nas suas carrinhas pessoais e avançaram para a fronteira da Ucrânia para entregar tudo o que achavam essencial e, no regresso, trouxeram os primeiros refugiados ucranianos para longe dos bombardeamentos russos.

A dimensão desta solidariedade de carácter humanitário correspondia ao sentimento de que a Ucrânia era um dos nossos e de que colectivamente não aceitávamos que fosse impedida pela força militar de trilhar os caminhos do Ocidente. Foi, na minha perspectiva, a dimensão desta solidariedade humanitária que obrigou os líderes europeus a abandonar a dolorosa política de apaziguamento e de perdão a Moscovo que prosseguiram desde a invasão da Geórgia em 2008 e da Anexação da Crimeia e das sublevações no Donbass em 2014. A sociedade civil europeia considerou inaceitável mais esta interferência militar da Rússia na sua periferia geográfica, e deu respaldo às lideranças políticas para abandonarem a sua postura de um joelho no chão. A tolerância para com a Rússia, que tinha crescido à sombra de negócios energéticos oligárquicos e de favores políticos trocados com as elites europeias, tinha acabado.

Os líderes europeus, suportados politicamente pelo genuíno sentimento de revolta das suas populações contra o expansionismo imperial da Rússia, perceberam que era necessário sair do tradicional registo das indignações e passar a uma resposta organizada. Mas, mais uma vez, como aconteceu em todo o século XX, não haveria resposta sem a liderança dos Estados Unidos da América. Ficou claro que os europeus não aceitariam entregar carros de combate sem autorização e exemplo dos estados unidos, não aceitariam entregar F-16 sem o apoio dos EUA e continuam a não autorizar o emprego dos mísseis de cruzeiro na profundidade do território russo sem a anuência dos norte-americanos. Mesmo quando a Europa tem armas para entregar, ainda assim a sua autorização depende da luz verde de Washington.

RESPOSTAS E SOLUÇÕES

Temos vindo a dar à Ucrânia equipamentos cada vez mais avançados. O arsenal da Ucrânia tem hoje uma sofisticação que não tinha em 2022. Em sentido contrário tem progredido a Rússia. O seu equipamento pesado é cada vez mais antigo à medida que se esgotam os depósitos de material. É hoje comum ver os soldados russos de motocicleta, em carros civis ou em carrinhos de golfe chineses procurando vencer rapidamente os quilómetros que os separam da orla das cidades onde procuram entrar em pequenos grupos. Desde Outubro de 2023 e até hoje, e só no eixo principal que vai de Avdivka para Pokrovsk, a Rússia já perdeu tantos veículos blindados e mecanizados que dariam para formar pelo menos cinco divisões.

Mas não desprezemos a capacidade russa de combate. A Federação Russa tem conseguido gerar efectivos a um ritmo suficiente para garantir a continuação da sua ofensiva. O seu planeamento financeiro para 2025, 2026 e 2027 prevê 960 milhões de dólares para recrutamento, o que daria para cerca de 225 mil novos soldados. A Federação Russa não dá sinais de estar disponível para parar esta guerra nem para se deixar

afectar pelas perdas militares e materiais tremendas que a Ucrânia lhe tem infligido.

E nós ? Que soluções temos para continuar a apoiar a Ucrânia nos próximos anos ?

Eu dividiria as nossas soluções em duas grandes áreas: Os instrumentos de natureza institucional e os instrumentos conjunturais.

A Política Comum de Segurança e Defesa é hoje o instrumento intitucional das questões ligadas à segurança e defesa da Europa, sendo implementada através das contribuições civis e militares dos seus estados membros. A consequência imediata é a de que se reflectem nas suas capacidades militares todas as debilidades que afectam as forças armadas dos seus estados membros, e não são poucas essas debilidades. Não obstante a União Europeia ter conduzido mais de trinta intervenções, desde 2002, em três diferentes continentes, sobretudo através de forças da EUFOR ou da EUNAVFOR, verificamos que essas intervenções se fizeram ou em ambientes permissivos ou contra forças irregulares de menor expressão. A PCSD terá sempre dificuldade em promover intervenção de forças europeias em conflitos de elevada intensidade, quer por falta de algumas capacidades militares essenciais, como o transporte estratégico, ou a falta de munições em depósito, quer pelo consenso político necessário ao emprego da força militar em condições adversas. Em resumo, a PCSD não foi pensada para operações militares de alta intensidade como a que se vive na Ucrânia , e não devemos esperar milagres. No entanto, uma das Agências ligadas à PCSD, a EDA, a European Defence Agency criada em 2004 com a missão de desenvolver capacidades de defesa, cooperação militar, apoio à indústria de defesa europeia, investigação e desenvolvimento pode ser um instrumento interessante para soluções colaborativas em proveito da Ucrânia.

Não queria também deixar de referir outro instrumento institucional a dar os seus primeiros passos, o Plano Draghi.

No passado dia 9 de Setembro Mario Draghi apresentou um muito esperado relatório intitulado “O Futuro da Competitividade Europeia”, um documento de reflexão político-estratégica virado para os maiores desafios da Europa: Diminuir o fosso tecnológico com os EUA, harmonizar descarbonização com competitividade e aumentar a segurança económica reduzindo dependências. O diagnóstico parece bem feito: É necessário alterar o modelo de desenvolvimento económico na Europa baseado na energia barata da Rússia, nas infindáveis peças da indústria chinesa e na segurança garantida pela América.

Na área da Defesa, o relatório é imensamente crítico em relação à política europeia. Gastamos 80 % em aquisições de defesa fora da Europa e a nossa indústria neste sector está fragmentada e sem escala.

Mario Draghi aponta vários caminhos. Um deles, talvez excessivamente populista é o de concedermos incentivos a quem “Comprar Europeu”. Outra proposta centra-se na criação de uma Autoridade Europeia para a Indústria de Defesa que, em nome dos estados europeus, se encarregue dos processos de aquisição do armamento, fomentando uma economia de escala que acabe com a actual fragmentação que nos sai caríssima.

E Draghi relembra também a segurança no acesso aos minerais críticos.

O problema do Plano Draghi é o esforço de investimento necessário, mais de 800 mil milhões de Euros adicionais, não sendo certo que exista capital privado suficiente e que os países estejam disponíveis para, no domínio público, investir em projectos conjuntos através da emissão de dívida comum.ⁱⁱ

As aproximações institucionais à defesa europeia são essenciais em termos de nos prepararmos para um futuro muito incerto, mas a sua discussão, concertação, regulamentação e financiamento vão certamente arrastar-se. Não ocorrerão portanto em tempo de resolver o problema da defesa da Ucrânia. Para essa resolução vamos necessitar de elevadas doses de flexibilidade e de criatividade. E certamente de liderança e de empenho político.

Existem diversos caminhos com potencial de desenvolvimento e que poderiam dar frutos mais rapidamente. Eu destacaria quatro: São eles o Caminho Ramstein, o Caminho das Áreas de Interdição, o Caminho do Apoio Industrial e o Caminho das Autorizações.

O Grupo de Contacto para a Defesa da Ucrânia é também conhecido pelo Grupo de Ramstein. Foi naquela base aérea norte-americana na Alemanha que se reuniram em 26 de Abril de 2022 mais de quarenta delegações de países NATO e não-NATO para discutir a situação militar na Ucrânia e encontrar soluções de apoio. São hoje mais de cinquenta os países participantes.

A fórmula Ramstein é muito mais interessante do que um mero expediente colectivo para resolver um problema urgente. Era evidente, e foi evidente desde o início, que a NATO não estava disponível para participar nesta guerra e, como muitas vezes acontece no sistema internacional, temos organizações montadas que depois não queremos utilizar nas situações específicas.

A Fórmula Ramstein contém três virtualidades que importa salientar. A primeira é o seu carácter aberto a adesões voluntárias, sem compromissos nem tratados vinculativos. A adesão a esta fórmula não implica assim complicados e longos processos legislativos internos no seio de cada Estado participante, nem permite bloqueios nem chantagens políticas. Isto é particularmente relevante num quadro europeu em que alguns estados admiram Moscovo.

A segunda tem a ver com o que eu chamaria a construção colaborativa de uma capacidade de defesa. Perante uma determinada necessidade um estado pode oferecer um equipamento descontinuado, o outro as peças, o outro a engenharia, o outro o transporte, o outro os consumíveis e os outros o financiamento da recuperação dessa capacidade. Ramstein tem sido um óptimo instrumento para a construção colaborativa e um exemplo para as capacidades de defesa europeias.

A terceira é de natureza política porque, na verdade, ela é a primeira manifestação de um Ocidente Alargado que acordou para a área da Defesa. Dispensa Tratados. Não dispensa vontades.

O segundo caminho é o das áreas de Interdição. Consistiria na definição de áreas geográficas no Ocidente do território ucraniano que passariam a estar protegidas de mísseis e vectores aéreos da Federação Russa. Os que violassem esse espaço seriam abatidos pelos sistemas antiaéreos ocidentais.

O terceiro caminho é o do apoio industrial. A Ucrânia sempre produziu equipamentos militares e, desde 2022 tem desenvolvido capacidades extraordinárias ao nível dos drones aéreos e dos drones marítimos. A colaboração tecnológica com a Ucrânia poderia dotá-la de sistemas próprios para ataque na profundidade, dispensando a questão das autorizações.

O quarto caminho é exactamente o Caminho das Autorizações. Desde que a Federação Russa adaptou as suas antigas bombas pesadas de aviação a bombas planadoras lançadas a 40 km da frente, que as cidades ucranianas junto da fronteira ou das frentes de combate têm sido sujeitas a impensáveis níveis de destruição. É preciso ir encontrar e destruir o arqueiro nas suas bases aéreas. A teoria de que é possível ganhar uma guerra apenas defendendo-nos das flechas está por provar.

A situação militar é muito complexa, muito dinâmica e muito difícil na frente do Donetsk e isto requer soluções institucionais que protejam o futuro e soluções conjunturais que permitam rapidamente atacar os problemas do presente.

A Guerra das Vontades

É comum ouvir nas declarações oficiais e institucionais dos líderes Ocidentais de que não estamos em guerra com a Rússia. E é verdade. Nós não estamos em Guerra com a Rússia.

Mas a Rússia está em guerra com o Ocidente. Detesta as nossas convicções, menospreza as nossas lideranças e está convencida de que o Ocidente acabará por claudicar.

O segredo de qualquer guerra longa passa pela capacidade de mantermos a nossa vontade de não aceitar o que nos querem impor. A Rússia sempre pensou que o Ocidente iria desistir da Ucrânia e não se tem poupado a esforços para, nesta guerra híbrida, destruir essa nossa vontade. Os recursos que a Rússia mobiliza para esse combate são imensos e cada vez mais sofisticados.

As mensagens são simples e estão orientadas para a paralisia dos nossos processos de decisão. Há três temas que são lembrados em permanência: primeiro tema é o dos riscos de uma confrontação nuclear se o Ocidente sofisticar o seu apoio tecnológico à Ucrânia. O segundo tema é o da vitória impossível, convencendo-nos que a Rússia não pode ser derrotada. O terceiro tema é o dos gastos do Ocidente com o apoio à Ucrânia, gastos esses que deveriam ser canalizados para despesas sociais ou reforço dos serviços de saúde.

Se as mensagens são propositadamente simplistas os mensageiros são muito sofisticados e vão desde a propaganda paga, à contratação de agências de comunicação ocidentais, e às fábricas de bots que geram e inundam as redes sociais com as mensagens pretendidas. Não faltam no Ocidente agentes de comunicação disponíveis. Uns porque continuam saudosos do tempo soviético. Outros porque detestam a América. Outros porque aqui encontram terreno fértil para as teorias da conspiração. E ainda uma panóplia diversa de nacionalismos que vê na firmeza de Putin a solução para a assertividade que falta ao Ocidente liberal. E nos cofres de Putin o financiamento das suas campanhas eleitorais.

Apreciação Final

É tempo para uma apreciação final. Com as tropas russas a seis quilómetros de Pokrovsk, no Donetsk, o Ocidente político resolveu entrar de férias. Os EUA estão numa pausa estratégica desde Novembro do ano passado e assim continuarão provavelmente até à tomada de posse do novo Presidente. Emanuel Macron está em silêncio desde as eleições para o Parlamento Europeu em Julho e o Chanceler Olaf Scholz entrou em recolhimento depois das eleições na Turíngia e na Saxónia em Setembro. Com a liderança norte-americana em pausa e o eixo Paris-Berlim em silêncio, resta-nos a assertividade de Ursula von der Leyen e de Mark Rutte e o apoio incansável dessa nova Europa que se desenha ao longo do Báltico e da Escandinávia.

A Europa não tem de se envergonhar do apoio dado à Ucrânia desde 2022. Foi solidária e humana no acolhimento dos refugiados, foi essencial no suporte financeiro que tem permitido ao estado ucraniano continuar a cumprir os seus compromissos sociais internos e esvaziou todos os seus depósitos de armamento em busca de equipamentos que pudessem ser recuperados e entregues à Ucrânia. A fase da resposta de emergência necessária ao apoio da Ucrânia está feita. Mas numa guerra sem final à vista temos de ser capazes de passar do apoio de emergência para o apoio continuado e esse exige capacidade industrial. O modelo distributivo está a esgotar-se e temos de entrar, e muito rapidamente, no modelo produtivo, não apenas para continuar a apoiar a Ucrânia, mas também porque o futuro da Europa exige a reconstrução do seu pilar militar.

O apoio à Ucrânia não pode ser exclusivamente Humanitário, Financeiro e Militar. Tem que ser Político, porque é no domínio da Política que se resolvem as guerras quando se esgotam as soluções militares.

Há duas áreas no domínio da Política que são fundamentais consensualizar. A primeira é o significado de “vitória” para os aliados da

Ucrânia e de que forma estamos todos disponíveis para aceitar que isso significa uma derrota para o Kremlin e o fim do seu regime. A segunda é simbólica. É preciso acelerar o processo de adesão da Ucrânia à UE porque isso se traduz na incapacidade do Kremlin em impor condições à Europa e ao futuro da Ucrânia. O futuro da Ucrânia é na UE e na NATO e vamos continuar a trabalhar para isso.

O meu muito obrigado pela Vossa atenção.

ⁱ <https://mailchi.mp/europeancorrespondent/times-like-these>

ⁱⁱ <https://www.csis.org/analysis/draghi-report-strategy-reform-european-economic-model>